
A Companhia de Jesus e o Problema dos Refugiados

Carta do Padre Pedro Arrupe a todos os Superiores Provinciais Jesuítas

Novembro 14, 1980

Querido Padre, Pax Christi!

Perto do tempo do Natal, no ano passado, impressionado e comovido pelo drama de milhares de “boat people” e refugiados, senti que era meu dever enviar mensagens acerca de 20 Superiores Provinciais no mundo. Ao partilhar com eles a minha angústia, perguntei-lhes o que poderiam fazer nos seus países, e o que poderia fazer a Companhia universal para trazer ao menos algum alívio a uma situação tão trágica como aquela.

A resposta foi magnífica. De imediato surgiram ofertas de ajuda em meios humanos, ajuda material e técnica. Foi também enviada uma grande quantidade de alimentos e medicamentos. Foi levada a cabo uma campanha através dos meios de comunicação de forma a influenciar os organismos oficiais e privados. Muitos foram os que se voluntariaram tanto para a ação pastoral, bem como para tarefas de organização, etc.

Para dar continuidade a estas atividades iniciais, convoquei na Curia uma consulta com o objetivo de reflectir sobre o género de resposta que a Companhia poderia dar ao problema, cada vez mais sério, dos refugiados pelo mundo. Desta consulta, informou "Notícias e Comentários" na sua edição de 15 de outubro passado.

Comecei por declarar que esta situação é um desafio para a Companhia que não podemos ignorar, se queremos continuar a ser fieis aos critérios de Santo Inácio, para o nosso zelo apostólico e aos recentes apelos das Congregações Gerais 31 e 32. Nas Constituições, Santo Inácio fala do bem mais universal, da maior urgência, da dificuldade e complexidade do problema humano envolvido, e da ausência de outras pessoas para atenderem a esta necessidade (cf Const VII, 2, n. 623). Pelo nosso ideal de disponibilidade e universalidade, pelo número de instituições a que atendemos, e pela colaboração activa de muitos leigos que colaboram connosco, estamos em condições privilegiadas para fazer frente a este desafio e prestar serviços que não estão a ser suficientemente desenvolvidos por outros organismos e associações. Um incentivo adicional poderia ser o tipo de ajuda que se necessita, que pode ser prestada individualmente durante um período de tempo relativamente breve e que, se se planificado e bem coordenado, não teria de desorganizar a vida e atividade das instituições e obras já existentes.

Além disso, a ajuda necessária não é apenas material: o que se pede especialmente à Companhia é um serviço que é humano, educativo e espiritual. É um desafio complexo e difícil. As necessidades são dramaticamente urgentes. Não tenho nenhuma hesitação em repetir o que disse naquela Consulta:

“Considero que a nossa ação neste campo é um apostolado novo e de grande atualidade, hoje e no futuro, e do qual pode vir um grande crescimento espiritual para a Companhia”.

Dedicamos dois dias a olhar para o considerável volume de trabalho já desenvolvido no terreno pela Companhia e a considerar formas através das quais este poderia ser alargado e melhor coordenado. Examinámos as possibilidades que a Companhia já tem, e especialmente aquelas que poderia vir a ter no futuro se este trabalho for desenvolvido.

O número 19 de *Promotio Justitiae*, que sairá brevemente, informa sobre o desenvolvimento desta Consulta e apresenta exemplos daquilo que em diversas partes do mundo os jesuítas já estão a fazer a favor dos refugiados.

À luz da nossa consulta e após discussão posterior com os meus conselheiros gerais, decidi estabelecer dentro da Cúria um serviço para coordenar o trabalho jesuíta em prol dos refugiados, que a partir de agora será designado por “Serviço Jesuíta aos Refugiados” (JRS).

De momento, o JRS será uma extensão do Secretariado Social e ficará sob responsabilidade do Padre Michael Campbell-Johnston. Se, contudo, o seu trabalho aumentar, o JRS pode ser reforçado, primeiramente através de colaboradores noutras partes do mundo.

As metas e objectivos do JRS são os seguintes:

- a. Estabelecer uma rede de contactos dentro da Companhia de modo a que o trabalho existente com refugiados possa ser melhor planeado e coordenado;
- b. Recolher informação que possa levar a novas oportunidades de assistência aos refugiados;
- c. Agir como uma ligação entre ofertas de ajuda de Províncias e necessidades de agências e organismos internacionais.
- d. Consciencializar a Companhia para a importância deste apostolado e para as diferentes formas que pode assumir quer dentro dos países de primeiro asilo quer nos países receptores.
- e. Dirigir especial atenção da Companhia para esses grupos ou áreas que recebem pouca publicidade ou ajuda vinda de fora;
- f. Encorajar as nossas publicações e institutos de ensino a desenvolver pesquisa sobre as causas de base do problema dos refugiados de modo a que uma acção preventiva possa ser levada a cabo.

Não se pretende que o JRS se torne numa grande operação. Ao desenvolver esta tarefa, far-se-á um esforço para trabalhar sobretudo com jesuítas e colaboradores leigos nas suas próprias Províncias. É por

esta razão que estou a anunciar esta nova atribuição do Secretariado Social a vós, como Provinciais. Estou a contar largamente consigo e com os membros da sua Província para sustentar e ajudar a desenvolver esta frente de trabalho.

Como passo inicial, gostaria de vos endereçar os seguintes pedidos:

- a. Dar a conhecer aos membros da sua Província o conteúdo desta carta e encorajá-los a responder a este novo apelo;
- b. Providenciar ao JRS informação sobre qualquer trabalho que esteja já a ser desenvolvido em prol dos refugiados na sua Província e como antevê possibilidades futuras de o ampliar;
- c. Fazer saber ao JRS que serviços ou ajuda gostaria de receber dele;
- d. Identificar, se achar necessário, um membro da vossa província que poderia servir de ligação com o JRS.

Espero que acolham esta carta e o seu pedido num espírito de prontidão e disponibilidade. Santo Inácio chamou-nos para irmos onde somos mais necessários para o maior serviço de Deus. As necessidades espirituais bem como materiais de cerca de 16 milhões refugiados hoje por todo mundo dificilmente poderiam ser maiores. Deus está a chamar-nos através destas pessoas desamparadas. Devemos considerar a oportunidade de assistir estas pessoas como um privilégio que irá, por sua vez, trazer grandes bênçãos a nós próprios e à nossa Companhia.

Confio a Companhia e eu próprio aos seus Santos Sacrifícios,

Pedro Arrupe, SJ
Superior Geral da Companhia de Jesus

Na festa de Santo José Pignatelli
Roma, 14 de novembro de 1980
